



POR PAULO HARTUNG

Economista, presidente-executivo da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), membro do conselho do Todos Pela Educação, ex-governador do Estado do Espírito Santo (2003-2010/2015-2018)
E-mail: presidencia@iba.org



indústria brasileira de árvores

O FUTURO QUE VEM DAS ÁRVORES

Estamos entrando em uma Nova Era. A sociedade vem se transformando rapidamente nos últimos anos, o modelo de se fazer negócios já não é mais o mesmo, e os governos revisitaram suas prioridades nos desenhos de políticas públicas. Quem não percebeu esta realidade está ficando para trás.

A tecnologia e a velocidade de informação transformaram a dinâmica planetária. Hoje, pequenos negócios crescem e ganham novos mercados rapidamente, alcançando *startups* a companhias consolidadas. Talvez o exemplo mais clássico seja da Blockbuster, que mergulhou de cabeça na locação de dvd's e não se preparou para a concorrência que emergia vendendo filmes por assinatura: a Netflix. Agora o *streaming* é uma realidade avassaladora.

Mas tal enredo ganhou um componente extra de peso: o ESG se tornou a pauta norteadora. Neste novo momento, o antigo modelo econômico já não faz mais sentido. O bom relacionamento e a geração de valor compartilhado com vizinhos das companhias são parte do planejamento. O meio ambiente está no centro da atividade e não mais no fim. Aliado a tudo isto, a diversidade no quadro de liderança das empresas faz a diferença.

Por isso acreditamos que o setor de árvores cultivadas tem no futuro uma verdadeira floresta de oportunidades. Os anos de investimentos em tecnologia e ciência trouxeram para esta indústria a capacidade de fazer da árvore cultivada um ativo de extremo valor agregado. Chamar a lignina de subproduto, por exemplo, chega a ser uma injustiça.

Trata-se de uma molécula presente em 25% da árvore que dá resistência à madeira. No processo de cozimento dos cavacos é separada das fibras e, em boa parte da indústria, já era reaproveitada para geração de energia limpa, que abastece as próprias fábricas.

Mas este é um setor que, de fato, tem enraizado o conceito de inovação. Estamos vendo surgir mais uma alternativa a materiais de origem fóssil. A lignina estará mais presente em nossas vidas do que podemos imaginar. Será uma real possibi-

lidade para se fazer concreto, ração animal ou mesmo estar na composição de fármacos.

A visão se concretiza a partir de altos investimentos. A Suzano está em fase final de otimização da primeira fábrica de lignina de eucalipto certificado do mundo, em Limeira-SP, que demandou um investimento de aproximadamente R\$ 100 milhões. A empresa, inclusive, já possui marca dedicada aos produtos derivados da matéria-prima, chamada ECOLIG.

Versatilidade é a palavra-chave. O material pode ser trabalhado como matéria-prima renovável em calçados, pneus, colas para madeira, lonas e pastilhas de freio, como aditivo para formar o concreto (com redução do consumo de água e de cimento), além de poder compor termoplásticos convencionais, o que proporcionará maior reciclabilidade.

A Klabin tem um projeto audacioso também, no Paraná. Investiu R\$ 32 milhões em programa de pesquisa e desenvolvimento para a construção de um Parque de Plantas Piloto, na Unidade Monte Alegre, em Telêmaco Borba-PR. Uma das tecnologias é exatamente para extração de lignina. Lá, olham para soluções como resinas, utilizada em chapas; como fibras de carbono, substituindo o uso de materiais de origem fóssil; além de também manterem o foco na ampliação da porcentagem de matéria-prima renovável no plástico, tornando-o menos nocivo ao meio ambiente. A CMPC, por sua vez, também está investindo para desenvolver alternativas biossustentáveis a partir da lignina.

Com a pauta sobre o clima ganhando relevância pelo mundo, a agenda de inovação verde torna-se protagonista. Este cenário consolidado, aliado ao compromisso da indústria de árvores cultivadas com a sociedade e à rápida ascensão de uma geração com consciência ambiental, abriu um horizonte extremamente promissor.

Prever como será o amanhã é difícil. Mas os movimentos atuais apontam que este é um caminho sem volta, em que o mundo adotará práticas mais sustentáveis e responsáveis, de fato. Quem soube interpretar estes sinais está um passo a frente. E a indústria de base florestal está pronta para ser protagonista, com um futuro vindo das árvores. ■

SOBRE A IBÁ – A Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ) é a associação responsável pela representação institucional da cadeia produtiva de árvores plantadas, do campo à indústria, junto a seus principais públicos de interesse. Saiba mais em: www.iba.org.br